

## CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA O DESENVOLVIMENTO DE UM CURRÍCULO CRÍTICO

Ivan Vilaça dos Santos <sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

Os debates no campo do currículo, cada vez mais, são ampliados e aprofundados, buscando a superação da concepção tradicional do ensino, restrito e fragmentado, passando ele a ser visto como instrumento de ação política e pedagógica. Essa perspectiva curricular, direciona para as contribuições da teoria crítica, dentre as quais, as contribuições do pensamento freiriano na perspectiva crítico-emancipatória.

Inicialmente, pretende-se abordar o campo do currículo e o desenvolvimento curricular a partir da relação entre conhecimento, cultura e contexto educacional, no intuito de oportunizar a compreensão das mudanças epistemológicas e mostrando as implicações desses fatores sobre as concepções e as práticas curriculares de uma educação libertadora. Está análise versa sobre as Teorias do Currículo Crítico, a fim de aprofundarmos as reflexões teóricas e metodológicas.

A partir destas informações o texto se norteia pela seguinte questão: Quais as contribuições de Paulo Freire para o pensamento curricular? Com base nesta inquietação tem-se como objetivo analisar a conceituação de alguns teóricos para o campo curricular e as possíveis contribuições de Paulo Freire para o desenvolvimento de um currículo crítico.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e de caráter descritivo. A metodologia utilizada se ancora na pesquisa de revisão de literatura a partir dos textos de Paulo Freire e textos referentes do campo do currículo.

### METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Para responder o problema de pesquisa, este estudo utilizou a abordagem qualitativa de caráter descritivo. De acordo com Tuzzo e Braga (2016), a abordagem qualitativa oferece aos pesquisadores a exploração de novos enfoques, pois não estabelece uma proposta rígida e estruturada, além de permitir que a imaginação e a criatividade na investigação de seus objetos de pesquisa, ou seja, não se limita aos aspectos quantitativos. O trabalho focalizou-se na busca dos seguintes descritores: **Teoria crítica do currículo, Educação libertadora, Currículo**, buscando investigar as possíveis contribuições de Paulo Freire para o desenvolvimento de um currículo crítico.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nascido em 1921 no Recife, Paulo Freire completaria 100 anos no mês de setembro. Ele é um dos autores mais citados em trabalhos acadêmicos em todo o mundo. Entretanto, quando a ascensão e os desdobramentos do autoritarismo se evidenciaram no Brasil, Paulo começou a ser atacado pela “direita” por acreditarem que o seu método se aplica no processo de escolarização nas escolas brasileiras. Associando o “fracasso” e a “falta de qualidade” ao educador, gerando grandes debates agressivos contra o patrono da educação brasileira, especialmente nas redes sociais. Evidenciando tamanha Consciência Ingênua da educação política nacional.

Paulo Freire, em 1963, estabeleceu um método próprio de alfabetização no município Angicos, no interior do Rio Grande do Norte. O projeto foi pautado na alfabetização de 300 adultos em um tempo muito curto (45 dias), partindo do conhecimento prévio que essas pessoas já possuíam, constituindo no círculo de cultura. Eis que surge a primeira indagação: Paulo Freire é realmente o responsável pelo fracasso da educação no Brasil?

Segundo Ferraro (2009), o Brasil ocupava, em fins do século XIX, a posição de “campeão mundial do analfabetismo”, evidenciando a precarização da educação como uma problemática estrutural, sendo assim, é importante a compreensão crítica do analfabetismo e a falta de qualidade na educação brasileira como uma questão política, considerando as desigualdades de oportunidades. A fim de encontrar respostas da relação entre a Educação Libertadora e Teorias do Currículo surge o seguinte questionamento: Quais as contribuições de Paulo Freire para o pensamento curricular brasileiro?

O entendimento sobre a concepção da palavra currículo foi designada a diferentes significados. Segundo Sacrisntán (2013), a palavra currículo deriva da palavra latina curriculum, cujo significado é *cursus* e *carrere*. O conceito no idioma português assume dois sentidos distintos: o primeiro, refere-se ao percurso da vida profissional, denominado de curriculum vitae, e o segundo, o currículo expressa o sentido da carreira do estudante, sobretudo, a organização e a ordem dos conteúdos a serem ensinados, que por sua vez, norteará a prática didática durante o percurso escolar.

No que concerne o poder regulador do currículo como seleção dos conteúdos que serão ensinados e aprendidos, estabeleceu-se unidades de tempo dentro da escolaridade e a divisão de classe (ou turma), com o objetivo de agrupar e classificar os

alunos em categorias, além de reforçar as fronteiras que delimitam seus componentes na

divisão de disciplinas/matérias de ensino em seus respectivos tempos letivos atribuídos. Assim, evitando a arbitrariedade do que será ensinado e conseqüentemente limitando a autonomia dos professores. (SACRISTÁN, 2013).

A Nova Sociologia da Educação (NSE) constituiu-se como uma das primeiras correntes voltada para a discussão do currículo. Iniciada por Michael Young, na Inglaterra, nos primeiros anos da década de setenta, e teve uma função desmistificadora, problematizando categorias como currículo, conhecimento, inteligência, habilidade, ensino, metodologia e avaliação. E através da NSE, o currículo buscaria a construção de abordagens sobre as tradições culturais dos povos subordinados e não apenas dos grupos dominantes (MOREIRA, 1990).

A contribuição de Paulo Freire para o campo do currículo, pode ser identificada a partir da crítica à educação bancária, onde Freire (2005, p. 65) afirma que “Há uma quase enfermidade da narração. A tônica da educação é preponderantemente esta – narrar, sempre narrar”. Nessa perspectiva a educação está pautado no ensino para o aluno e desconsidera a horizontalidade do ensino com o aluno, pautando na relação, os educandos assumindo o papel de ouvinte e os professores o papel de narradores.

A educação bancária para Freire, tem por referência as teorias tradicionais do currículo, voltado para uma educação mecanizada e de memorização e compreendendo os estudantes como depósitos vazios a serem preenchidos por conteúdos do domínio exclusivo do professor. Nessa concepção, o estudante é percebido como um sujeito passivo, alguém que nada sabe. A curiosidade, a autonomia e suas inquietações vão cessando, uma vez que, o conhecimento é considerado como acabado e estático justamente pelo fato do silenciamento.

Freire (2005) relata que a concepção da vocação ontológica dos seres humanos é humanizar-se. Esclarece a necessidade da libertação onde a educação dialógica é desenvolvida como ferramenta educativa no interior de um processo dialético-problematizador. Isto tudo exige uma relação de companheirismo entre educadores e educandos. E é no movimento de superação pela formulação de uma educação libertadora que se realiza como educação problematizadora.

A construção do currículo no cotidiano escolar emerge, ora o currículo oficial apresenta diversos objetivos a serem atingidos, ora o cotidiano apresenta situações emergentes que demandam uma prática pedagógica suprindo as necessidades e sua dualidades ao “movimento dialético entre o formal e o informal; entre o prescrito e o vivenciado; entre a regulação e a emancipação. Ou seja, se por um lado, pelo processo educativo, por outro lado” (Félicio, 2010, p.246).

A educação pautada no dialógico, conforme Paulo Freire, permite a reflexão

crítica em suas relações com o mundo para sua libertação como práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens para a transformação do mundo. Neste momento, a cisão de esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade e emancipação dos sujeitos, condizente com a seguinte afirmação:

“A emancipação pode ser interpretada como um processo (histórico, ideológico, educativo, formativo) em que as pessoas ou grupos atinjam, cada vez mais, níveis independentes de tutelas política, econômica, cultural. Portanto, emancipar-se só é possível, no contexto de sociedades democráticas, por exigir um exercício, individual e coletivo, de liberdade, igualdade, autonomia e desalienação” (FELÍCIO, 2010, p. 246).

Felício (2010) destaca que para o processo de transformação, o processo educacional deve ultrapassar a dimensão da reprodução e devolver práticas curriculares em que os sujeitos possam contribuir para a construção do seu próprio processo Currículo e emancipação. Estabelecida em uma prática dialógica e interativa onde os sujeitos se reconheçam no produto construído.

Para Young (2010), incluir as experiências e os conhecimentos anteriores dos educandos para que a escola aborte um currículo “mais motivacional” e para mobilizar os estudantes, são a base para que eles se tornem aprendizes ativos. Nessa mesma direção, Freire (1991) indica os Círculos de Cultura como uma proposta pedagógica, cujo caráter está pautado na democracia e libertação para uma aprendizagem integral, e promova a horizontalidade na relação educadoreducando e a valorização das culturas locais, do diálogo, e conseqüentemente democratizando a educação.

Para Freire (1991), os círculos de cultura foram sistematizados e estruturados em momentos tais como: a investigação do universo vocabular, que relacionava as palavras do cotidiano dos grupos ou do território dos educandos. A partir deste levantamento eram extraídas palavras geradoras, como uma escolha básica de orientação dos debates, que permite ao educador interagir no processo, ajudando-o a definir seu ponto de partida para o levantamento tema gerador, permitindo a integração do conhecimento e a transformação social.

Cabe considerar, que o conhecimento escolar possui características que o distingue de outras formas de conhecimento:

“o currículo tem que levar em consideração o conhecimento local e cotidiano que os alunos trazem para a escola, mas esse conhecimento nunca poderá ser uma base para o currículo. A estrutura do conhecimento local é planejada para relacionar-se com o particular e não pode fornecer a base para quaisquer princípios generalizáveis. Fornecer acesso a tais princípios é uma das principais razões pelas quais todos os países têm escolas”. (YOUNG, 2007, p. 13).

Para Young, (2007) a ênfase recai sobre a necessária tarefa da escola em transmitir

o conhecimento científico aos alunos, e os educandos não vão à escola para aprender o que eles já sabem. Assim o círculo de cultura se torna importante para a aprendizagem inicial e não única.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho, apresentou-se alguns aspectos do pensamento de Paulo Freire, sobre suas contribuições para o pensamento curricular. O autor evidencia a necessidade de uma educação pautada no diálogo e uma educação horizontal na relação aluno-educador.

Os elementos pedagógicos da educação libertadora e os fundamentos da prática dialógica contribuem para estabelecer uma relação dialética entre o currículo e o contexto educacional, superando as concepções do currículo tradicional e no processo de transformação, implica na ação e na reflexão dos educandos para a participação da criação dos currículos.

O Círculo de Culturas de Paulo Freire constitui-se nos lócus da vivência democrática e estabelece a valorização de formas de pensamentos, experiências, linguagens e de vida, que possibilita o estabelecimento de condições para a participação em uma dinâmica que esteja sujeito ao debate, indicando seus conhecimentos prévios, mas, não únicos a serem desenvolvidos em âmbito escolar.

Embora as críticas direcionadas a Paulo Freire, entende-se que as contribuições de Paulo Freire para o campo do currículo são inúmeras. A educação pautada no diálogo e a emancipação, de modo especial, traz à tona um debate importante e necessário. Cabe ainda destacar que necessita de um estudo mais aprofundado sobre a temática para estabelecer novas relações.

**Palavras-chave:** Teoria Crítica do Currículo; Educação Libertadora; Currículo.

## **REFERÊNCIAS**

DOS SANTOS FELÍCIO, Helena Maria. **Currículo e emancipação:** redimensionamento de uma escola instituída em um contexto advindo do processo de desfavelização. Currículo sem Fronteiras, v. 10, n. 2, p. 244-258, 2010.



FERRARO, Alceu Ravello. **Analfabetismo no Brasil**: desconceitos e políticas de exclusão. *Perspectiva*, v. 22, n. 1, p. 111-126, 2004.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. **Sociologia do Currículo**: origens, desenvolvimento e contribuições. *Brasília*, ano 9. n. 46. abr jun. 1990.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? **Educação e Sociedade**. vol. 28, n. 101. Campinas: set./dez. 2007.

SACRISTÁN, José Gimeno. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Penso Editora, 2013.